
UMA TRAJETÓRIA EM BUSCA DO SABER UMA REFERÊNCIA NA HISTÓRIA DAS IDÉIAS LINGÜÍSTICAS NO RS

Entrevista com Leonor Scliar Cabral

Vamos começar nossa conversa com suas informações biográficas. A senhora nasceu onde? Qual a origem de seus pais e o que eles faziam? Qual a importância deles para a sua formação?

Nasci em Porto Alegre, no dia 20 de maio de 1929, no chamado Hospital Alemão, que fica na Ramiro Barcelos, hoje reconstituído com outro nome. Morávamos na rua Henrique Dias em frente à sinagoga (a casa foi demolida). A família Scliar residia no bairro do Bom Fim, bairro que congregava a comunidade judaica em Porto Alegre. O meu pai, Isaac Scliar, nasceu na Bessarábia, região onde a família da minha avó paterna residia, na verdade, num pequeno povoado, denominado em iídiche, como *shetl*. Era um povoado onde os judeus viviam. Eles eram confinados nesses povoados porque não podiam morar nas grandes cidades. O meu avô paterno morreu prematuramente numa epidemia de tifo. Ele era uma pessoa de grande capacidade de doação e era uma espécie de médico descalço². Então, numa dessas visitas, ele acabou adquirindo o tifo, falecendo em consequência dessa enfermidade. A minha avó paterna veio para o Brasil com oito filhos e grávida do nono. O meu pai foi uma pessoa lutadora como todos esses primeiros imigrantes: não freqüentou a escola, apenas teve aquela iniciação que os meninos judeus obrigatoriamente têm para fazer o *bar mitzvá*, aos treze anos. Então aprendem hebraico para ler os livros sagrados e, na condição de adultos, passarem nas provas do *bar mitzvá*. Mas, na verdade, ele era um autodidata. Era uma pessoa que, sem ter freqüentado a escola sistematicamente, aprendeu a ler em português, em alemão também. Ele leu toda a obra do Goethe em alemão e era uma pessoa que não passava um dia sem ler jornais.

¹ Médico descalço é uma atividade paramédica, uma espécie de médico generalista sem formação acadêmica.

Ele era uma pessoa muitíssimo atualizada, isso até o fim da vida, de grande leitura e teve evidentemente muita influência na minha formação, como aliás toda a família Scliar. Na época da minha adolescência, nós frequentávamos a casa do tio Henrique Scliar, que era irmão do meu pai, e ali nós encontrávamos uma biblioteca excelente que foi uma fonte importante na minha formação. Sobre o meu pai o que eu tenho a dizer é isso, ele se preocupou muitíssimo com a nossa educação. Foi uma pessoa que sofreu muito porque a minha mãe deixou a família quando eu tinha dois anos e meio. Meu pai gostava muitíssimo dela e tentou duas vezes trazê-la de volta à família, mas ela se recusou, então, em 1938, ele casou de novo. Dos dois anos e meio até os nove anos, eu fui criada na família de tios, o tio Jaime e a tia Rosa. Quando o meu pai se casou novamente (casou-se, não, porque naquela época não existia o divórcio, mas enfim constituiu uma nova família), nós nos mudamos de Passo Fundo para Porto Alegre em 1939. Nesta ocasião, minha irmã Esther e eu fomos estudar no Colégio Americano. Meu pai, volto a dizer, sempre se preocupou muito com a educação e procurou nos dar a melhor possível na época. Sobre a minha mãe, o que eu tenho a dizer é o seguinte: a minha mãe era inteligentíssima, mas era uma pessoa emocionalmente muito perturbada porque ela também veio de uma família desestruturada: o pai dela tinha abandonado a família e, adolescentes, ela e a irmã fugiram para Berlim, passaram os horrores da guerra lá e depois vieram para o Brasil. Minha mãe casou-se para fugir da fome, não foi um casamento por amor. Nascemos, minha irmã e eu, desse casamento que não foi um casamento por amor, por parte dela, porque o meu pai tinha adoração pela minha mãe. Ela era uma pessoa que colocava a política acima da família. Eu diria que ela não tinha instinto maternal. Numa das ocasiões ela foi presa a frente do portão do Mercado Municipal de Porto Alegre, quando estava distribuindo panfletos e eu e a minha irmã tínhamos ficado presas em casa, sozinhas. Nós fomos salvas de morrer confinadas porque a vizinhança arrombou a porta aos nossos gritos, só para contar um episódio, e depois, como já foi mencionado, ela deixou a família. Mas antes de isso acontecer, ela foi deportada porque era polonesa, então nós fomos morar em Rivera, fronteira com Livramento. Minha irmã Esther já freqüentava a escola em Livramento, era só cruzar a rua. Nesta ocasião é que minha mãe, militante do Partido Comunista uruguaio, conheceu uma pessoa que se chamava Bernardino do

Valle, se apaixonou por essa pessoa, foi embora e nos deixou. Então eu tenho que falar sobre a minha madrastra, D. Cecília, porque dos nove aos dezenove anos, que foi quando eu casei, eu morei com a minha madrastra e com meu pai. A minha madrastra era uma pessoa que também lia muito, era uma pessoa muito dedicada aos afazeres da casa e deste segundo casamento nasceu mais uma irmã, a Lúbia, hoje conhecida como Lúbia Zilberknop.

Esse ambiente familiar colaborou para a sua definição profissional?

Tenho que acrescentar algumas coisas. Em primeiro lugar, a família Scliar foi uma família sempre muito amante das artes. Em particular, praticava-se muito a música. Já em Passo Fundo, quando morava com os meus tios, a minha prima mais velha, a Eva, era professora de piano com quem a minha irmã, Esther Scliar, teve as primeiras aulas. Ao lado morava a família Pacheco, ou seja, a família de Ione Pacheco que foi uma das minhas amigas de infância, hoje conhecida como Ione Sirotsky, viúva do Maurício Sobrinho. Então se praticava muito a música e também se gostava muito de cinema. Nós, desde de pequeninhas, tínhamos por hábito ir ao cinema todos os domingos, era a chamada *matinê*. Então era um ambiente cultural intenso. Quero dizer que eu estava em contato com música, com cinema, com literatura. Posteriormente, quando nós nos transferimos para Porto Alegre, nós continuamos freqüentando cinema, só que aí duas vezes por semana, no cinema Baltimore. Aos domingos e às quartas-feiras, quando exibiam cinema francês. O contato com a minha irmã mais velha, a Esther Scliar, foi fundamental para a minha formação. Nós tínhamos uma amizade muito sólida pelo fato de sermos as duas únicas filhas do mesmo casal, mas também uma afinidade de idéias muito grande: a sua influência foi enorme. Não posso deixar de mencionar a influência da freqüência à casa do meu tio Henrique Scliar, o pai do Carlos Scliar, porque essa casa em Porto Alegre era um dos centros, na época, onde se reunia a intelectualidade. O Carlos Scliar foi não só um grande pintor, foi um líder intelectual. Ele, ainda adolescente, conheceu o Mário de Andrade, foi amigo dele, depois foi um grande amigo do Jorge Amado. A casa do meu tio era freqüentada por essa intelectualidade. Então tudo isso teve uma influência muito grande e, ao mesmo tempo, teve a influência política porque eu vivi a minha adolescência na época em que começou o combate ao nazi-

fascismo em todo o mundo e, posteriormente, o Brasil também entrou na 2ª Guerra Mundial. Inclusive o Carlos, meu primo, fez parte da Força Expedicionária Brasileira. Era um momento de grande efervescência política de modo que a intelectualidade, na época, passou a ser uma intelectualidade de vanguarda também, ou eram membros do partido comunista ou eram simpatizantes. Então, eu diria que as influências culturais foram nessa direção, na direção de uma formação importante no campo da Literatura, das artes em geral (nós freqüentávamos os concertos do teatro São Pedro, éramos sócias de todas as entidades musicais de Porto Alegre). Então foi nessa direção, na direção das artes e na direção do posicionamento político porque eu acabei entrando na juventude comunista, fui militante e depois passei a ser líder, inclusive, dentro do Partido Comunista. Também quero mencionar que nessa época eu tive aulas de canto com a senhora Caro, a mãe do Herbert Caro. Na época eu ainda não tinha a minha atenção voltada para os estudos lingüísticos, propriamente ditos. Eu vou explicar depois como é que surgiu esse interesse.

Poderíamos falar também de sua formação escolar (primário, ginásio, etc)?

A minha formação foi a seguinte: primeiro freqüentei o chamado jardim de infância, que hoje se chama de pré-escola. Era um ano que antecedia a primeira série, na época se chamava primário e hoje se chama ensino fundamental. Freqüentei então o jardim da infância no Colégio Notre Dame, em Passo Fundo, que era uma escola religiosa. Foi enorme a influência da primeira professora do jardim da infância. Eu me lembro muito bem dessa professora e eu quero reafirmar o quanto o aspecto afetivo é importante na educação. Eu não me recordo da minha professora da primeira série. Eu me recordo de uma professora que eu tive nas séries iniciais que se chamava dona Cora, pelo lado oposto da professora do jardim da infância, porque era uma pessoa ríspida, antipática, violenta e ela então me marcou por esse lado. Eu a detestava, ela tinha um nariz adunco, era uma pessoa terrível, ainda me lembro. E me lembro também pelo lado negativo da diretora do colégio Notre Dame, que era uma mãe, a mãe superiora, pela sua violência. Eu me recordo que uma vez ela deu uma surra com um guarda-chuva em um aluno, não me recordo qual foi a falta, não deve ter sido muito grave, mas me marcou essa violência física. Esse foi o

início da minha formação escolar. Posteriormente, como já foi mencionado, a família se mudou para Porto Alegre e eu entrei no Colégio Americano na quarta série primária. Esta formação no Colégio Americano foi fundamental porque era um Colégio de orientação metodista, mas, dentro de uma tradição das professoras americanas, havia um culto à liberdade muito grande, à liberdade de expressão. Não havia a obrigatoriedade de as pessoas aderirem ao culto metodista, nem imposição, de modo que essa escola era muito freqüentada pela comunidade judaica de Porto Alegre, como acredito ocorra a mesma coisa no Colégio Centenário de Santa Maria. Os dois são da mesma orientação. Então, em primeiro lugar, quero enfatizar que havia esse respeito à liberdade. Em segundo lugar, o inglês, no qual eu sou fluente hoje, se consolidou no Colégio Americano porque lá se ensinava essa língua pelo então método direto que tinha sido introduzido nos EUA pelo R. Lado: as professoras só falavam em inglês conosco nas aulas e isso foi muito importante. Dessa forma começamos a acostumar o ouvido e finalmente ficamos expostos a ele como língua falada. Também tive um grande professor de Língua Portuguesa, Hipólito Kuntz, que ensinava uma coisa que hoje está abandonada, infelizmente, que era o ensino da Língua Portuguesa para raciocinarmos bem, porque o ensino da língua deve ser feito no sentido de que as pessoas aprendam a pensar e o Hipólito Kuntz trabalhava nessa direção, assim como outros professores. Eram todos professores excelentes. A professora Valentina Paiva foi uma grande professora também, e assim por diante. Além disso, nessa época, no Colégio Americano, eu fiz as minhas maiores amizades da adolescência, amizades sólidas, como por exemplo, a Rosália Ferreira, que nós chamávamos de Lala, depois casada com o Lenine Nequete. A Rosália me acompanhou inclusive nos movimentos estudantis e depois ela acabou sendo professora de Latim e de Literatura Brasileira na Faculdade de Filosofia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. A Rosália foi a minha grande amiga. Uma outra amizade muito sólida do Colégio Americano foi a da Norma Ramos. Enfim, o que eu poderia acrescentar é que, nessa época, quando eu tinha 15 anos, eu me envolvi em um movimento estudantil, conforme vai ser mencionado, e então aderi à juventude comunista. Na época nós fizemos um movimento, do qual eu era líder, por cinquenta por cento nas entradas dos cinemas e tivemos a ousadia de liderar uma passeata em Porto Alegre, convocando os estudantes do ginásio do

Colégio. A Assembléia realizou-se no cinema Castelo e depois fizemos a passeata. Isto nos custou não uma expulsão, mas o que em Latim se chama *consilium abeundi*, ou seja, um conselho para nós nos retirarmos da escola. Então, Rosália, eu e mais uma outra colega, que era casada e que foi aconselhada a se retirar porque dava conselhos que a escola não considerava prudentes às outras colegas, fomos convidadas a nos retirar da escola. Uma outra, que também integrava a liderança, era a Vera Regina Azevedo, recentemente falecida, a qual foi poupada da retirada porque o pai dela era juiz, então ela conseguiu se formar no Colégio Americano. A Rosália e eu tivemos que lutar muito para conseguir uma vaga no então colégio Júlio de Castilhos. Na época o diretor era o professor Abílio. Finalmente nós conseguimos uma vaga de modo que o terceiro ano do clássico eu fiz no colégio Júlio de Castilhos. Frequentei uma parte à noite e outra parte à tarde, ou pela manhã, agora não me recordo bem. Mas fiz esse último ano nesse Colégio. Mas interessante é que eu tive, como professora de Filosofia, a Zilá Totta que mais tarde foi Secretária da Educação do governo Meneghetti. Foi uma figura exponencial porque ela, eu acho, foi a primeira Secretária da Educação mulher do Rio Grande do Sul e grande professora de Filosofia. Foi essa a minha formação no secundário.

Em que ano a senhora ingressou no Curso de Letras e como era o Curso de Letras daquela época? De quem a senhora mais recorda na Universidade e quais foram os professores que mais marcaram sua vida universitária?

Logo que eu me formei, que eu concluí o clássico, fiz exame vestibular para Ciências Sociais na PUCRS que ainda funcionava na Av. Independência, lindando com a Praça da Conceição. Eu fui para Ciências Sociais, como podem perceber, mais por razões políticas, mas eu só cursei até o fim do primeiro semestre porque eu me casei em julho e, depois, por questões econômicas, eu não tinha mais condições de pagar e precisava trabalhar. Há dois episódios interessantes nessa passagem pelas Ciências Sociais. Um deles é que eu fui convidada para ser candidata à presidência do Centro Acadêmico, pois as pessoas me conheciam pela liderança dos movimentos estudantis. Mas eu achei, por uma questão de idoneidade, que seria importante dizer à comissão, a qual me convidou, que eu pertencia ao Partido Comunista porque depois

poderia haver perseguições e até uma possível cassação. Em consequência, não fui mais escolhida como candidata porque não acharam conveniente. O outro fato, foi uma polêmica que eu tive com o professor Armando Câmara nos corredores. Imaginem só a minha ousadia! Eu tinha 19 anos e resolvi ter uma polêmica epistemológica com o Armando Câmara. Não me lembro muito dos detalhes, mas eu sei que nós acabamos discutindo nessa ocasião. Aí há um lapso nos meus estudos porque dos 19 até praticamente os 28 anos eu fiquei exclusivamente dedicada ao Partido Comunista. Eu posso explicar algumas coisas que eu acho que são interessantes porque eu liderei o primeiro movimento da mulher no RS nessa ocasião, então talvez haja interesse. Esse foi um período duríssimo porque o Partido Comunista passou à ilegalidade, depois de um breve período de legalidade, por uma burrada do Luís Carlos Prestes no Senado, ou seja, armaram uma "arapuca". Isso é uma coisa interessante de analisar na Análise de Discurso, porque os senadores, que eram bastante experientes nas tramas do discurso, sabiam da ingenuidade do Prestes e armaram a seguinte pergunta para ele: Em caso de guerra entre o Brasil e a União Soviética com quem você ficaria? Naturalmente eles sabiam que Prestes, em fidelidade à Internacional, que na verdade não era Internacional, era dominada pela União Soviética, iria responder "com a União Soviética", como, aliás, o fez. No mesmo dia ele teve o seu mandato cassado e o Partido Comunista foi para a ilegalidade. Bem, então o que aconteceu foi que o Partido Comunista foi para a ilegalidade. Era um momento duríssimo, eu não digo que tenha passado fome, mas foi quase, ou seja, a vida era difícil porque o meu ex-marido também era militante, nessa época, do Partido Comunista. Mas eu acho que nesse período o que eu posso dizer é que as minhas leituras se fecharam muito ao credo comunista, salvo as leituras mais seminais, como por exemplo os textos do Marx, que podem levar o indivíduo ao raciocínio, a uma leitura crítica. Todas as outras leituras eram leituras dogmáticas e o discurso era um discurso fabricado: não havia margem para nenhuma possibilidade de questionamento. De modo que eu posso dizer que para a minha formação esse período foi o mais nefasto, horrível. Depois que eu resolvi deixar o Partido Comunista, tive que passar por um processo de auto-reeducação para reaprender a pensar, a me posicionar frente a um discurso oral ou escrito de forma crítica. Então eu alerto os educadores para certas doutrinas que andam circulando por aí,

particularmente no seio da educação, que querem fazer a cabeça do aluno, ao invés de ensiná-lo a pensar. Sob o falso rótulo de conquista da cidadania aqui estamos fazendo escravos de uma ideologia. Voltemos, então, a esse período que eu considero ser de grande ensinamento para as pessoas que possam ler essa entrevista porque não foram dois dias, foram anos em que muitas pessoas foram sacrificadas, inclusive a intelectualidade. Grande parte da produção da Lila Ripoll, por exemplo, foi sacrificada. Ela foi uma das maiores poetisas do RS, mas poderia ter sido muito maior se não fosse o policiamento ideológico, estético do Partido Comunista e assim outros escritores gaúchos.



Leonor Scliar Cabral (segunda da esquerda para a direita)
em Reunião do Partido Comunista na Sociedade Espanhola, em 1945.

Eu gostaria de mencionar que nessa época uma das tarefas que eu recebi foi a de liderar a organização das mulheres no RS. Então havia uma frente que era a frente feminina que eu liderei no Estado por algum tempo. Nós organizamos uma sociedade que eu acho que se chamava Federação Gaúcha das Mulheres e nós conseguimos a adesão de uma senhora, uma verdadeira líder, que se chamava Odília, eu acho (desculpe, estou um pouco

esquecida dos nomes próprios, mas com 73 anos isso é justificável). Eu acharia interessante alguém fazer uma tese de Doutorado sobre essa parte do movimento feminino no RS porque, infelizmente, eu perdi toda a documentação, pois nós tínhamos que queimar os documentos, então eu não guardei. Tínhamos um jornal que eu editava que se chamava **Jornal da Mulher**. A sede ficava na rua Dr. Flores. Lideramos vários movimentos: fizemos uma vez um movimento no Parque da Redenção, com distribuição de brinquedos, em que veio uma massa considerável de pessoas e assim por diante. Isso tudo no período em que eu parei os meus estudos e estava completamente dedicada à política. Passei grandes provações pela grande dificuldade financeira e econômica na família. Houve momentos em que eu tinha que fazer todos os trabalhos domésticos. Na época não havia fogão a gás, era fogão a lenha. Coincidiu que nesse período saiu o relatório Kruchov, um relatório que denunciava as barbaridades cometidas por Stalin e que nós dizíamos serem invenções da imprensa burguesa, quando não era assim, era verdade. Ficou depois provado que em 1934 Stalin matou dois milhões de pessoas, inclusive quase toda a intelectualidade judaica. Ele mandou fechar todos os jornais, todas as sinagogas... foi um horror... os chamados processos de Moscou, enfim, ele era um ditador. Só para mencionar um episódio, imaginem que uma vez eu estava grávida do meu segundo filho e era tarefa dos militantes do partido sair a colher assinaturas nos bairros de Porto Alegre, para uma mensagem-monstro que seria enviada ao Stalin por ocasião do aniversário dele. Então eu, grávida de oito meses, saí pelo bairro da Glória a colher assinaturas de pessoas que mal sabiam assinar o nome para mandar uma mensagem ao Stalin. Imaginem o absurdo a que se tinha chegado. Então, na década de 50, sai o relatório Kruchov e, nessa ocasião, em janeiro 1957, quando eu estava com oito meses de gravidez da minha filha, eu vivi um momento crucial e pontual na minha vida. Eu estava rachando lenha e me perguntei: mas o que é que eu estou fazendo? Naquele momento, como se fosse um *insight*, eu me dei conta de toda a estupidez e resolvi deixar o Partido Comunista. Nesse momento, em que eu resolvo deixar o Partido Comunista, ao mesmo tempo, eu tinha que buscar trabalho para sustentar a família que era o meu marido, a minha sogra, duas crianças, outra por nascer e eu. Também ao mesmo tempo, cheguei à conclusão de que eu tinha que voltar aos estudos porque eu deveria me

instrumentar para poder ter melhores condições de vida, e também para reconquistar tudo aquilo que tinha sido destruído nesse período mencionado. Então eu saí a procurar emprego, mas ninguém queria me dar emprego porque todo mundo fugia dos membros do Partido Comunista como o diabo da cruz. Eu não conseguia trabalho, ninguém queria me dar trabalho. Nem familiares. Eu busquei pessoas que trabalhavam em repartições públicas, para ver se eu conseguia entrar, e nada, ninguém me dava uma chance. A única forma que eu consegui foi vender livros porque isso não requer vínculo empregatício. E eu trabalhei assim durante um ano e meio, inclusive para a Brasiliense. Até acho que foi uma coisa boa. Vendi muitas coleções do Monteiro Lobato, o meu carro-chefe. Aí eu resolvi estudar, me preparar para uma Universidade e na época a única faculdade que não exigia frequência era a de Direito. Vejam bem que eu escolhi o Direito não por vocação, mas por ser a única faculdade que eu poderia fazer sem freqüentar, porque a minha filha já tinha nascido e já estava com um ano de idade quando eu fui prestar os exames. Mas há também certos fatos marcantes, assim como foi aquele em que eu estava rachando lenha, foi um livro que me caiu nas mãos chamado **Pensamento e Linguagem**, do Chauchard. Este livro do Chauchard, hoje, eu sei que foi influenciado pela tríade Vygotsky, Luria e Leontiev, um livro que me despertou para a importância das relações entre pensamento e linguagem. Eu então fui para a Lingüística já que estava interessada pelo tema que foi o grande vetor de Chomsky: a relação entre pensamento e linguagem. E foi uma coisa tão extraordinária esta preocupação porque eu digo o seguinte: se eu tivesse seguido exatamente essa minha proposta inicial que foi a relação entre pensamento e linguagem, buscando as bases neuropsicológicas da linguagem, eu teria sido pioneira da Neuropsicologia no Brasil. Comecei a estudar. Primeiro eu me preparei para o vestibular de Direito, mas já pensando em fazer simultaneamente o Curso de Letras. Eu queria estudar tudo que dizia respeito à linguagem e achei que era no Curso de Letras onde eu iria estudar, como de fato, os assuntos relativos à linguagem. Então, é claro, eu me preparei exaustivamente em latim, com o professor Bunse, que era a maior autoridade em Porto Alegre, e estudei português com o professor Edison Oliveira e o professor Garcia, que tinham um cursinho pré-vestibular. Então eu fiz o vestibular para os dois cursos, o curso de Ciências Jurídicas, na Universidade Federal do

Rio Grande do Sul, e o Curso de Letras em Português/Alemão na PUCRS. Para o Direito, eu tirei o segundo lugar e para Letras eu tirei o primeiro lugar no vestibular. E aconteceu que, no primeiro ano de faculdade, eu cursei algumas aulas no Curso de Letras, mas tive que trancar a matrícula porque eu não podia freqüentar as aulas. Já o Curso de Direito eu fiz até o último ano e me formei. Aconteceu que, lá pelas tantas, a freqüência passou a ser obrigatória no Curso de Direito e eu tive que freqüentar as aulas. No Curso de Direito houve uma disciplina que foi fundamental para a minha formação: Filosofia do Direito, ministrada pelo professor Armando Câmara, que já tinha aparecido na minha vida como mencionei, mas dessa vez foi fundamental porque o que eu mais sei de epistemologia eu devo às suas aulas, aulas brilhantes. Quero mencionar que, a partir do primeiro ano da Faculdade de Direito, eu passei a dar aulas para preparar alunos para o vestibular, aulas de Língua e Literatura Portuguesa e Latina. Deixei aquela atividade de venda de livros que foi muito importante para a sobrevivência da minha família. Nos anos em que eu lecionei Língua e Literatura Portuguesa e Latim (foram treze anos), eu tive a nata dos adolescentes de Porto Alegre como alunos, dos quais eu muito me orgulho e continuam sendo meus amigos até hoje. Eles dizem que aquelas aulas foram essenciais à formação deles. Tenho certeza de que o foram. Eu tive entre meus alunos: Moacyr Scliar, Tânia Carvalhal, Flávio Loureiro Chaves, Flávio Koutzi, Eduardo Machado, Marcos Faerman, Sônia Pilla e outras figuras importantes que não é possível enumerar neste artigo. Um ano depois de concluir o Curso de Direito, eu retornei ao Curso de Letras. Só que, ao invés de fazer Português/Alemão, eu passei a fazer Português/Inglês. Esse Curso de Letras foi também fundamental para a minha formação porque, entre outras coisas, eu tive como professor o Agostinho Staub. Ele ainda era irmão marista na época em que foi professor e que recém tinha vindo de um Mestrado em Lingüística nos Estados Unidos, e foi fundamental aos meus primeiros passos dentro da Lingüística. O irmão Arnulfo que depois de deixar a ordem passou a se chamar Celso Luft, casando-se com a Lya Luft, foi importante como professor de Português. O professor Elpídeo Pais, grande professor de Língua e Literatura Latina e assim, foram todos fundamentais. Mas aconteceu o seguinte: já no primeiro ano do Curso de Letras, foi anunciado o primeiro Instituto Latino-Americano de Lingüística para pós-graduados, patrocinado pela ALFAL, em Montevidéu. O diploma de

Direito para alguma coisa me serviu: eu pude me inscrever no Instituto embora estivesse no primeiro ano do Curso de Letras. Então eu fui para esse primeiro Instituto Lingüístico que durou dois meses (janeiro e fevereiro de 1966) e para o congresso em dezembro de 1965. Lá eu tive como professores o Aryon D. Rodrigues, Mattoso Câmara, Prietto, enfim, tive contato pela primeira vez com a gramática gerativo-transformacional e o que aconteceu foi que, ao voltar do primeiro Instituto Lingüístico Latino-Americano, eu resolvi escrever os artigos no Jornal **Diário de Notícias**. Ao voltar eu resolvi passar os ensinamentos que colhi daquele Instituto e também das minhas leituras, que já eram muitas, em Lingüística. Eu queria acrescentar que o professor que me introduziu ao Chomsky foi o professor Heles Contreras. Quero ressaltar que nessa minha passagem pelo Curso de Letras, uma figura importantíssima na minha vida profissional e um grande amigo é o irmão Elvo Clemente, porque junto com o irmão Elvo Clemente, nessa minha passagem pelo Curso de Letras, pelo fato de eu ter sido a aluna mais brilhante no Curso de Letras e por ter passado pelo I Instituto Lingüístico, que eu já mencionei, e o II Instituto Interamericano de Lingüística que se realizou no México e sobre o qual eu também quero falar, nós, a partir dessas duas experiências, organizamos o I Seminário de Lingüística na PUCRS e, posteriormente, organizamos a Pós-graduação em Lingüística da PUCRS. A nós se deve essa implantação. E também, junto com o meu ex-marido, Plínio Cabral, fundamos a Revista **Letras de Hoje**, nesse período. Então vejam, são esses os frutos da minha passagem pelo Curso de Letras. Para o II Instituto Lingüístico Interamericano de Lingüística, organizei na PUCRS um Comitê de participação no Instituto. Eu queria levar o maior número possível de alunos para o Instituto e consegui um avião presidencial para levar uma delegação. Foi toda uma delegação de São Leopoldo, aquela que organizou o Dicionário Morfológico, na Unisinos: foram uns dezoito alunos. De Porto Alegre foram a Leda Bisol, o Hilário Bohn, que ainda era irmão, o professor Agostinho Staub, a Lígia Averbuch, a Margot Mattoso, que foi uma grande amiga minha e foi junto com o marido que também fez algumas disciplinas: nós conseguimos um avião para levar e buscar essas pessoas. No México, novamente eu fui aluna do professor Mattoso Câmara Jr. e de outros ilustres professores, inclusive o Klaus Heger, com o qual eu tive aulas de Lexicologia e Semântica, e assim por diante. Eu só queria completar

que eu tive, como mestre também no Instituto Interamericano, o professor Matluck, que foi o meu professor de entoação, cujas aulas depois me serviram para eu fazer toda a marcação entonacional das mais de cinco mil transcrições de uma criança da minha tese de Doutorado. Queria mencionar também que as aulas de Fonética, com o professor Aryon D. Rodrigues, foram fundamentais para que eu fizesse a transcrição fonética dos mais de cinco mil enunciados e sempre que eu precisei fazer transcrições fonéticas foram muito úteis. E, ao longo desses anos, eu fiz vários outros Institutos, inclusive participei do Instituto Lingüístico de Verão nos Estados Unidos, da Linguistic Society of America, e de seminários na University College of London, enfim, não vou mencionar agora porque são muitos.

O Curso de Letras, principalmente naquela época, era voltado para a formação de professores. Como surgiram um "certo" apoio e iniciativas voltadas para a pesquisa? Já fazia parte de seus objetivos, nessa época, trabalhar na Universidade?

O Curso de Letras era fundamentalmente voltado para o ensino. Havia uma preocupação com a pesquisa porque havia o Centro de Estudos da Língua Portuguesa e depois, como mencionei, o primeiro Seminário de Estudos Lingüísticos e finalmente a implantação da Pós-graduação. Então, já há um direcionamento para a pesquisa. Eu me lembro de que na disciplina de Lexicologia no Curso de Letras, que ministrei ainda aluna, fizemos uma pesquisa sobre o léxico espacial, todos os alunos fizeram. Eu tenho guardada essa pesquisa e ainda pretendo publicar todos os dados que os alunos colheram. É sobre inovação lexical, formação de novas palavras no campo do espaço. Na Pós-graduação, eu comecei a trabalhar até antes de ter o título de Doutor porque não havia professor. Então, nesse Seminário, por exemplo, que hoje nós chamaríamos de uma Pós-graduação *Lato sensu*, eu comecei a lecionar. Depois nós nos mudamos para São Paulo em janeiro de 1971 e, no segundo semestre desse ano, eu fiz disciplinas no Museu de Antropologia do Rio de Janeiro e, em 1972 me matriculei no Programa de Pós-graduação em Lingüística da USP. Fui aceita diretamente no Doutorado porque eu tinha muitas disciplinas feitas nos Institutos Lingüísticos que eram disciplinas de Pós-graduação. Inclusive no I Instituto Lingüístico Latino-americano, entre centenas de alunos, fui considerada a melhor aluna. Na USP, eu entrei

diretamente para o Doutorado. Antes de ter o título de Doutor, a professora Marianne Etzger me convidou para lecionar no Programa de Pós-graduação da PUC de Campinas. Assim eu passei a lecionar nesse Programa e depois fiz concurso para professor titular na UFSC em 1980. Passei a lecionar na Pós-graduação em Lingüística da UFSC, a partir de agosto de 1981, embora tenha sido convidada nesse íterim a dar cursos em vários Programas de Pós-graduação, tantos que eu já não me lembro mais quantos foram. No período em que estive em São Paulo, também lecionei no Curso de Fonoaudiologia e na Pós-graduação em Distúrbios da Comunicação da Escola Paulista de Medicina.

A decisão de fazer um curso de Pós-graduação surgiu ao longo da graduação ou foi somente depois de terminá-la? E o tema do Doutorado surgiu de que maneira? Quem foi seu orientador? Onde a senhora fez seu Doutorado e quando?

Foi quando eu voltei do México em 1968. A minha primeira intenção era ir para a Sociolingüística, mas o professor Bryan Head, que trabalhava no Museu Nacional de Antropologia, não achou interessante a proposta que eu apresentei: trabalhar com as variantes de tratamento na enunciação e no sistema verbal da Língua Portuguesa. Então eu fui para a USP e lá o que me interessava mais era a aquisição da linguagem. Na verdade eu era tão interessada pelos temas da Sociolingüística, quanto pelos da Psicolingüística, mas voltando às minhas origens, àquelas das relações entre pensamento e linguagem, obviamente a aquisição da linguagem estava mais próxima. Deixei de mencionar o seguinte: quando eu estava fazendo o Curso de Direito e já tinha um grupo de alunos, que eu preparava para o vestibular, resolvi fazer um grupo de estudos. A minha idéia era formar um círculo de estudos e eu organizei o currículo desse círculo de estudos que era constituído da disciplina de Neurologia, Grego e Lingüística. Vejam só como eu estava preocupada com as bases neuropsicológicas da linguagem. Mas voltando então à USP, a minha orientadora foi a doutora Geraldina Witter a quem devo muitíssimo. Quero mencionar um fato que serve como paradigma. Todo mundo sabe que a Geraldina Witter é uma das maiores defensoras do comportamentalismo, mais precisamente do Skinner. No entanto a doutora Geraldina Witter não se opôs a que eu seguisse como referencial o modelo do Chomsky. Na época eu adotei o modelo do *Aspects*, de 1965, e nunca ela

teceu o menor impedimento a que eu defendesse essa linha epistemológica. Eu defendia o inatismo chomskyano. Ela lia, discutia, corrigia minuciosamente os meus *drafts* e fez parte da minha banca, obviamente, como minha orientadora. Também me convidou para com ela traduzir o livro **Aquisição da Linguagem** da Meniuk para o português, editado pela Pioneira. Até hoje somos amigas.

Na sua opinião, o desenvolvimento da Pós-graduação foi positivo para a sua carreira de pesquisadora e para a sua produção acadêmica como um todo?

Quero passar um grande ensinamento para todos que tiverem a oportunidade de ler esta entrevista. O período da tese de Doutorado é o período em que o pesquisador tem mais motivação e maior chance para aprofundar os seus conhecimentos, e foi isso que aconteceu comigo.

A senhora parece ter tido uma relação bastante forte com a história da Lingüística Aplicada no Brasil no momento da sua constituição. Poderia falar um pouco sobre essa história e da sua relação com ela?

A importância do meu trabalho em relação à Lingüística Aplicada provém do fato de, em primeiro lugar, verificar o insucesso no ensino da leitura e da escrita na escola. Desde cedo eu percebi que a Lingüística poderia dar um grande aporte no sentido de ajudar a equacionar este problema e no sentido de se encontrarem melhores resultados em sala de aula, se os professores estivessem bem fundamentados em Lingüística. Então, uma das questões que desde logo me preocupou foi a questão da alfabetização e o fato de os professores não conhecerem os princípios do sistema alfabético do português do Brasil. Tais princípios precisam estar fundamentados em bases lingüísticas. Essa preocupação me perseguiu sempre: sempre dei cursos não só para os professores de língua portuguesa, para fundamentá-los lingüisticamente, como para os pedagogos, os educadores. Isso vai culminar com a publicação do meu livro em 2003, pela Contexto, sobre os princípios do sistema alfabético no português do Brasil, que é o coroamento de toda essa reflexão. Mas uma outra questão também que sempre me preocupou é o ensino da gramática pela gramática. A Lingüística Aplicada ao ensino do

português, como primeira língua, e ao ensino das outras línguas é fundamental para o êxito dessas disciplinas.

A sua geração foi uma das primeiras a sofrer o impacto positivo da reforma e talvez da implantação definitiva da Pós-graduação no Brasil, pois já havia passado pelas dificuldades iniciais e começava a funcionar plenamente com bolsas e tudo. Como parte integrante desse processo, sendo uma das fundadoras do Curso de Pós-graduação em Letras da PUCRS, como a senhora sentiu essa evolução e como a senhora se coloca na história da Pós-graduação em Letras no Brasil?

Evidentemente eu me coloco como uma das pioneiras porque desde 1968 nós começamos com aquele Seminário, já foi mencionado isso, que era um "tubo de ensaio". A minha experiência nos Cursos de Pós-graduação é tanto de coordenadora de programas como participante de colegiados e como convidada, como eu já mencionei, de tantos cursos de Pós-graduação. Ainda atuei muito em comissões para credenciar ou recredenciar cursos à convite da CAPES. Entre outras eu menciono, porque foi histórico o episódio, o recredenciamento da Pós-graduação da USP. Não vou entrar em detalhes, mas foi histórico porque ajudou a reconquistar a posição da Pós-graduação da USP no cenário da comunidade brasileira do qual ela esteve afastada por quase vinte anos. Agora, como eu vejo a evolução... o que ocorre com a Pós-graduação em Lingüística no Brasil se estende a todos os programas de Pós-graduação e se estende ao ensino em geral. Nós, no Brasil, nos defrontamos com o seguinte dilema: nós temos que abrir as portas das instituições para todos, mas não temos professores qualificados à altura para ministrar as disciplinas. Pela pressão de ter pessoas tituladas nas graduações, as portas das Pós-graduações se abriram excessivamente e os requisitos para o ingresso e para a titulação, não só de mestres como de doutores, baixaram demasiadamente. Hoje nós temos mestres em Lingüística que não sabem, nem se podem comparar às professoras que lecionavam nas então escolas normais, hoje chamadas de magistério, enfim, dos alunos que freqüentavam o ginásio e o magistério. Isso precisa ser reavaliado com urgência.

Conforme a senhora já mencionou, após ter retornado do I Instituto Lingüístico Latino-Americano, resolveu

escrever artigos para o Jornal Diário de Notícias sobre as tendências lingüísticas da época. Nessa época a senhora ainda era aluna do Curso de Letras. A senhora poderia falar um pouco mais sobre o que levou a senhora a publicar tais textos e a ter tal espaço em um jornal de circulação diária para falar sobre lingüística?

Conforme expliquei anteriormente, eu já tinha participado de dois institutos lingüísticos em nível de Pós-graduação antes de me formar no Curso de Letras. O Instituto Lingüístico de Montevidéu e o Instituto Lingüístico do México. Assim, eu já estava com uma formação que me permitia escrever com alguma segurança, além de ter feito vastíssimas leituras neste período todo. Eu sentia que, apesar dos esforços do Mattoso Câmara Jr. em introduzir o ensino da lingüística como obrigatório nos Cursos de Letras, não havia uma disseminação para o grande público das informações básicas sobre a Lingüística e, portanto, era preciso que alguém fizesse isso. Nada melhor do que o espaço de um jornal porque na época ainda não se ocupavam os espaços da televisão para isso. Então eu consegui o espaço no **Diário de Notícias**, que era um dos jornais de grande circulação no RS ao lado do **Correio do Povo** e da **Folha da Tarde**. Foi uma iniciativa pessoal. O meu ex-marido trabalhava no **Diário de Notícias**, o que facilitou.

Poderíamos falar um pouco mais da sua produção acadêmica? Qual o seu primeiro trabalho publicado e qual foi o último? E como a senhora explicaria esse percurso?

Eu creio que dois trabalhos acadêmicos iniciais foram: **Em busca da poesia** (Porto Alegre: Centro de Estudos da Língua Portuguesa/PUCRS, 1967), prêmio Esso de Literatura e, **A linguagem como traço de humanização** (Convivium, v. 10, n. 4, 1967, p. 47-58) e vários artigos, publicados na revista *Letras de Hoje*³, que precederam a publicação fundamental que é o livro **Introdução à Lingüística**.

³ Florbela Espanca, a Deserdada. In *Letras de Hoje*, no.1, 1967, p. 31-45.

Empréstimos do inglês para o português. In *Letras de Hoje*, no.2, 1968, p. 97-105.

Variantes do português em estabelecimentos do ensino. In *Letras de Hoje*, no.3, 1969, p. 78-106.

Reformulação sobre encontros vocálicos no português. In *Letras de Hoje*, no.4, 1969:, p.98-103.

A senhora considera os seus trabalhos de modo geral mais tributários de que pensamento, de que corrente lingüística e de quais autores?

A senhora poderia falar de seu percurso teórico, ou seja, de seu caminho teórico, de seu interesse por determinados autores em certa época e o movimento natural de releitura de todo o pesquisador? E de que maneira esses autores afetaram a compreensão e produção dos estudos lingüísticos que a senhora tem realizado?

Em primeiro lugar, eu tenho dois autores que foram fundamentais para o meu pensamento: Saussure que eu já li "n" vezes e continuo lendo e sempre encontrando grandes ensinamentos, apesar de algumas reformulações críticas. O Karl Bühler foi fundamental para o desenvolvimento das minhas idéias sobre as funções da linguagem e que eu continuo lendo e sempre aprendendo. Mas não poderia deixar de mencionar o Mattoso Câmara Jr., até hoje sem substituto, porque ainda não apareceu no Brasil um lingüista com a estatura do Mattoso Câmara Jr.. Continuo lendo e relendo sempre. No início, eu fui muito influenciada pelo estruturalismo e mencionaria uma obra que foi traduzida para o português, **Elementos de Lingüística Geral**, do Martinet. As propostas do Martinet foram reformuladas por mim em vários pontos, inclusive, por exemplo, a introdução de uma terceira articulação que ele não contempla, só para citar um exemplo. Também foi exponencial, à minha formação, o Roman Jakobson de quem eu li várias obras e inclusive acabou sendo muito importante para a minha especialização em Psicolingüística no que diz respeito aos desvios da linguagem, particularmente a afasia, e no que diz respeito à Aquisição da Linguagem. Mas também porque o Roman Jakobson trabalhou muito com as funções da linguagem e foi também exponencial para as idéias sobre os traços como universais substantivos. Da lingüística norte-americana eu li, estudei e foram muito influentes no início o Bloomfield, mas muito mais do que o Bloomfield, o Sapir. Há, deste período, um outro lingüista norte-americano que me influenciou muito: Morris Swadesh. Posteriormente à revolução chomskyana, em que há um deslocamento epistemológico, eu passei a ser influenciadíssima pelo Chomsky, basta dizer que eu fui a primeira a falar em Chomsky publicamente, no Brasil, em um artigo publicado no **Diário de Notícias**. Além disso, ele foi

um dos referenciais da minha tese. Eu li, estudei e inclusive resumi na minha tese toda a obra dele de 1957 até 1970, que foi onde eu parei. E dessa época um outro lingüista norte-americano que muito me influenciou foi o Fillmore, que também foi referencial teórico para a minha tese. Mas, ao aplicar as medidas da Filosofia das Ciências ao meu *corpus*, eu constatei que nenhum modelo nem outro davam conta satisfatoriamente dos dados. Além disso, houve outras reviravoltas depois do Chomsky que acabaram me influenciando decididamente. Nós temos o surgimento da Lingüística Textual, da Análise do Discurso e dos desenvolvimentos da Sociolingüística e da própria Psicolingüística. Então, por exemplo, no caso da Psicolingüística, em vez do centro ser a competência lingüística e particularmente o componente sintático, nós vamos ter um deslocamento para a competência comunicativa. Há outros autores que eu passo a consultar, particularmente da corrente inglesa, o Halliday. Fiz uma resenha da obra de Halliday, ***The social interpretation of language and meaning*** (Londres: Edward Arnold, 1978), publicada no ***Boletim de Filologia*** do Centro de Lingüística da Universidade de Lisboa, tomo XXVII, 1982, p. 459-465. Então eu passo a me preocupar com outros enfoques, como, por exemplo, Van Dijk, o que dá origem a toda uma linha de pesquisa sobre a narratividade oral, patrocinada pelo INEP, em crianças dos 4 aos 6 anos e 11 meses de idade. São *corpora* riquíssimas. De 1972 em diante, me volto muito para a Psicolingüística e há um autor que é exponencial, é o meu papa, o Roger Brown. Mas há outros autores como por exemplo o Vygotsky, de quem eu dei um Seminário na Pós-graduação na UFSC, na década de 80, quando poucos ainda falavam em Vygotsky no Brasil. Na realidade tenho uma edição de 1964, da Lautaro, de ***Pensamento e Linguagem*** do Vygotsky que eu já consultava nesse período em que eu estava escrevendo os artigos para o ***Diário de Notícias***. Creio que tenha dado a lista dos autores que mais me influenciaram. Eu quero dizer que uma das questões que muito me ocupou e que me preocupa até hoje é a estilística e um autor que foi fundamental nessa minha caminhada foi o Damaso Alonso porque, como vocês sabem, eu também escrevo poesias e faço tradução poética do francês, do espanhol e do judeu-espanhol.

Atualmente, qual é a pesquisa que a senhora está desenvolvendo? E como a senhora percebe a relação

entre o seu trabalho de pesquisa e as disciplinas que ministra na Pós-graduação?

No campo da Psicolinguística, eu estou trabalhando com processamento, mas a questão que me preocupa basicamente, nessa linha de pesquisa, é como a criança desmembra a cadeia da fala a que ela está exposta para constituir os primeiros itens lexicais na sua memória e incorporá-los a sua memória lexical. Então tem toda uma linha de pesquisa e com isso nós estamos alimentando o maior banco de dados do mundo em Aquisição da Linguagem que é o "CHILDES" com *corpora* de Aquisição da Linguagem no português do Brasil. Além disso, eu estou pesquisando, já mencionei na edição do meu livro que vai sair em 2003, os princípios do sistema alfabético do português do Brasil porque pela primeira vez também foram formalizados, de modo exaustivo, os processos de descodificação, ou seja, na leitura, e de codificação, ou seja, na escrita. Obviamente tem relação com as disciplinas que eu ministro. Eu ministro cursos sobre Processamento Psicolinguístico, sobre a Aquisição da Linguagem, sobre os Princípios do Sistema Alfabético do Português do Brasil e também ministro cursos sobre Estilo na Tradução Literária.

Como a senhora resumiria o seu trabalho de docência e pesquisa na UFSC, com que olhar a senhora avalia o seu papel no desenvolvimento dos estudos lingüísticos no Brasil?

As minhas pesquisas na UFSC começaram com esse grande projeto sobre a narratividade em crianças e os processos de leitura. Foi um projeto interdisciplinar, abrangeu uns dez pesquisadores e, frutos desse projeto, saíram algumas dissertações de Mestrado, muitos artigos no Brasil e no exterior e ainda, dando continuidade, nós fizemos essas pesquisas que eu já mencionei: sobre segmentação da cadeia da fala, sobre como a criança constrói o seu léxico mental e a pesquisa sobre o Sistema Alfabético do Português do Brasil. Eu queria dizer ainda que, nessas pesquisas, nós formamos muitos jovens em iniciação à pesquisa científica. Nós temos um laboratório de leitura na UFSC que se ocupa exatamente das dificuldades em leitura, como implementar a leitura e é um órgão importante de pesquisa. Agora, a segunda parte da pergunta, eu creio que o meu livro **Introdução à Lingüística**, cuja primeira edição saiu pela Globo em 1973, foi seminal para o desenvolvimento dos estudos lingüísticos no Brasil porque

era livro- texto nos cursos de graduação em muitas Universidades, além de ter sido xerocado e continuar sendo xerocado por aí afora. Então isso eu acho que foi uma contribuição decisiva, a minha contribuição à Lingüística. Além, é claro, dos trabalhos desenvolvidos nos Cursos de Pós-graduação e na graduação, onde eu lecionei pessoalmente; no trabalho direto com os educandos, na Pós-graduação, eu orientei mais de oitenta dissertações de Mestrado e Doutorado, formei muita gente. Esses meus discípulos também já publicaram muitas obras. A última é ***Ensinar e aprender com Paulo Freire: quarenta horas, quarenta anos depois*** da Nilcéa Lemos Pelandré. Então são "netos" muitos pesquisadores que estão por aí afora ensinando, formando gente, todo esse povo que nós formamos. Além disso, presidi a Associação Brasileira de Lingüística (ABRALIN) na gestão 1997-1999. Organizamos um Congresso Internacional e um Instituto de Lingüística ao qual vieram pesquisadores renomados de todo mundo. Particpei ativamente dos encontros da Lingüística, desde o Encontro Nacional de Lingüística no Rio de Janeiro. Eu sempre fui muito ativa apresentando o resultado das pesquisas em todos os encontros da Lingüística no Brasil e estou sempre aberta também a dar assessoria: as pessoas me telefonam, mandam e-mail, me procuram.

Devo acrescentar que tenho sido muito atuante na Psicolingüística, pois fui eleita para dois mandatos como Presidente da International Society of Applied Psycholinguistics (ISAPL), em congressos realizados na Universidade de Toronto e de Bologna e depois, pelo estatutos, passo a Presidente de Honra, junto com T. Slama-Cazacu e R. Titone. Edito o **Bulletin da ISAPL** e organizei, com o Prof. Hilário Bohn, o Seminário Internacional de Psicolingüística em Florianópolis em 1993.

Objetivos para o futuro...

Bom, você sabe, eu já tenho 73 anos, vou para os setenta e quatro, aliás, nem precisaria mencionar isto porque ficou atestado várias vezes quando eu tive *lapsus linguae*. Isso em Psicolingüística se chama *the tip of the tongue phenomena (TTP)*, a palavra na ponta da língua, mas, à medida que vamos ficando mais velhos, começamos a ter dificuldades de evocar nomes próprios, é particularmente nessa área que se encontra a dificuldade. Ocorreu em vários passos da minha entrevista. Eu espero que as pessoas que venham a ler esta entrevista me perdoem, mas isto se

deve aos meus setenta e três anos. Então os planos que podemos ter já são bastante limitados. Eu só espero que ainda viva alguns anos com lucidez e que os meus *tip of the tongue phenomena* não sejam tão freqüentes a ponto de me impedirem de lecionar. Eu pretendo continuar dando pelo menos um curso por ano na Pós-graduação. Estou aposentada, mas não penso em parar. Penso continuar com as minhas pesquisas, essas que eu mencionei, porque elas ainda merecem aprofundamentos, principalmente a pesquisa sobre a segmentação da cadeia da fala para a qual eu não tenho respostas, particularmente porque a minha grande dúvida é sobre a unidade básica de processamento lingüístico que eu penso hoje não ser o fonema e, sim, a sílaba. E são essas questões que me intrigam. Pretendo publicar, pois tenho muitas obras na gaveta e quero ver se publico em livro, se encontrar editora. Desejo atualizar **Introdução à Lingüística** e colocar esse livro novamente à disposição dos leitores que estão muito ávidos de receber esse material.

Bem, para encerrar nossa conversa, eu gostaria de agradecer pela sua disponibilidade em conceder esta entrevista e pela sua atenção. Também agradeço em nome do Laboratório Corpus e da professora Amanda Scherer que é a grande idealizadora desse projeto.

Eu queria agradecer o espaço que foi aberto, queria cumprimentar os idealizadores desse projeto que vai prestar grande serviço à nossa comunidade, porque o Brasil não sabe preservar a memória e sem memória não há identidade. E vocês serão sempre bem-vindos.

PUBLICAÇÕES DA AUTORA

Livros

2003 – **Princípios do sistema alfabético do português do Brasil.** São Paulo: Editora Contexto.

2003 – **Guia prático de alfabetização – baseado em princípios do sistema alfabético do português do Brasil.** São Paulo: Editora Contexto.

1991 - **Introdução à psicolinguística.** São Paulo: Ática.

1989 - **O método contextual dinâmico aplicado a poemas de Fernando Pessoa.** Florianópolis: Ed. Da UFSC.

1987 - **As idéias de Mário de Andrade.** Florianópolis: Ed. Da UFSC.

1973 - **Introdução à lingüística.** Porto Alegre: Globo.

A autora também possui inúmeros artigos e outros trabalhos publicados.